

ECONOMIA

Economia encolheu 1,6%

PIB cai por dois trimestres seguidos no governo Lula. Ipea aposta em recuperação

Editoria de Arte

Luciana Rodrigues

Nos seis primeiros meses do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, a economia brasileira encolheu por dois trimestres consecutivos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou ontem que o Produto Interno Bruto (PIB, soma de todas as riquezas produzidas no país) caiu 1,6% entre abril e junho, em relação aos três meses anteriores, já retirando fatores sazonais. No primeiro trimestre, o recuo fora de 0,6% nessa mesma comparação. Há uma convenção, entre os economistas, de que duas quedas seguidas de PIB caracterizam uma recessão na economia. Mas o IBGE não quis usar o termo para qualificar a conjuntura atual.

Além desses dois trimestres de queda, a economia ficara estagnada (expansão nula) nos últimos três meses de 2002. Com isso, entre outubro de 2002 e junho passado, o PIB caiu 2,2%, segundo dados da GAP Asset. É um desempenho pior do que o registrado em pleno racionamento de energia elétrica, em 2001, quando a economia encolheu 1,8% em três trimestres.

Queda recorde no consumo de famílias

• Segundo economistas, os números negativos do PIB são fruto dos juros altos, da política fiscal rigorosa do governo e da queda na renda dos trabalhadores. Os dados divulgados pelo IBGE surpreenderam os analistas, que esperavam uma queda menor do PIB. Mas alguns deles afirmam que a retomada do crescimento já começou e que a recessão foi o preço que o país pagou para controlar a inflação. O governo subiu os juros para evitar a disparada dos preços, freando a atividade econômica.

— Estávamos em recessão no primeiro semestre, porque o governo foi bem-sucedido na sua política de restabelecer a confiança. A inflação não cai sozinha, por efeito de gravidade. E foi graças à queda da inflação que agora há condições para a retomada do crescimento, principalmente a partir do ano que vem — afirmou Paulo Levy, coordenador do Grupo de Conjuntura do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Para o gerente de Contas Trimestrais do IBGE, Roberto Olinto, não basta a economia cair dois trimestres seguidos para caracterizar recessão. Três semanas após o próprio IBGE ter afirmado que a indústria estava em recessão, Olinto evitou fazer qualquer

análise da conjuntura econômica.

— A pesquisa da indústria é um dado específico. Quando se olha a economia como um todo, é preciso avaliar outros indicadores além de meramente o desempenho do PIB em dois trimestres. A discussão sobre recessão não faz parte das atribuições do IBGE — disse Olinto.

Em relação ao segundo trimestre do ano passado, o PIB também caiu: 1,4%. Foi o pior desempenho desde o último trimestre de 1998, quando o

país estava às vésperas do colapso do regime cambial que culminou com a maxidesvalorização do real. Este ano, a economia cresceu só 0,3% e, em 12 meses, acumula alta de 1,6%.

Na composição do PIB, foram as famílias que mais sentiram o golpe da retração econômica. O consumo delas teve queda recorde na comparação com o segundo trimestre de 2002: 7,1%, a maior da série histórica, iniciada em 1992. Foram dois anos seguidos de recuo no consumo das

famílias. A formação bruta de capital fixo (taxa de investimento da indústria e da construção civil) caiu 9%. Já as exportações tiveram expansão de 30,1%, a maior já registrada. As importações caíram 3,4% e o consumo do governo cresceu só 0,3%.

Os dados do PIB pela ótica da produção mostram que só a agricultura cresceu, com expansão de 3,2%. A indústria encolheu 3,6% e os serviços ficaram estagnados.

O Ministério do Planejamento cul-

pou os ajustes monetário e fiscal que o governo foi obrigado a fazer para debelar os choques adversos em 2002 e conter a alta da inflação pela queda do PIB. Em nota, o ministério destaca que as perspectivas negativas terminaram e que os fundamentos macroeconômicos estão melhorando. ■

COLABOROU Eliane Oliveira, de Brasília

• MÉTODO CITADO POR IBGE
COMPROVA RECESSÃO, na página 24

0 desempenho econômico do país



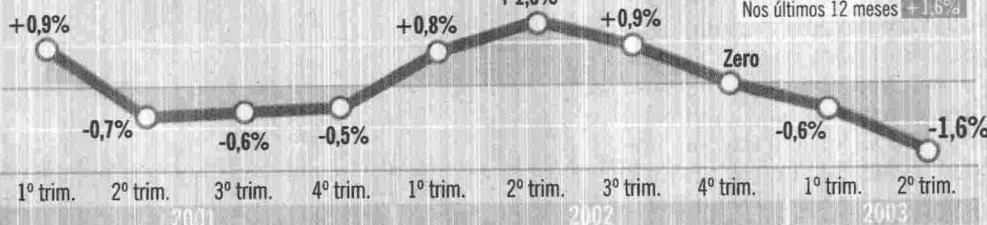
A EVOLUÇÃO DO PIB

Em relação ao trimestre imediatamente anterior, já retirando os efeitos sazonais

Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior

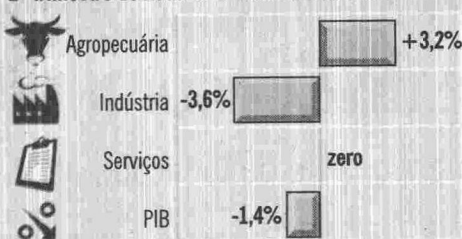
3º trim de 2002 +2,5% 1º trim de 2003 +2%
4º trim de 2002 +3,4% 2º trim de 2003 -1,4%

No semestre
Nos últimos 12 meses



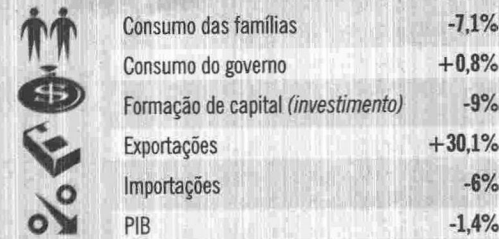
O DESEMPENHO DE CADA SETOR

2º trimestre de 2003 x 2º trimestre de 2002



O CONSUMO DE CADA GRUPO

2º trimestre de 2003 x 2º trimestre de 2002



FONTE: IBGE



QUE CÁLCULO É ESSE

O Produto Interno Bruto (PIB) é a soma das riquezas criadas pela produção de bens e serviços num país durante um ano, incluindo a arrecadação de impostos. A coleta é feita em três grandes setores: agropecuária, indústria e serviços. Os dados também podem ser apresentados sob a ótica da demanda, que mostra consumo das famílias, governo, investimentos da indústria e construção civil, exportações e importações.

OS ESTADOS DA ECONOMIA

■ **Recessão:** Ocorre quando há diminuição da atividade econômica, com aumento do desemprego, crescimento das falências e concordatas de empresas e queda nos lucros. O consenso é que a recessão se caracteriza quando há dois trimestres consecutivos de queda no PIB. Mas alguns economistas consideram também outros indicadores para identificar recessão, como renda dos trabalhadores, vendas do comércio e produção industrial.

■ **Depressão:** É o agravamento da recessão, quando a queda do PIB se acentua e a economia sofre por um período mais longo, com elevadas taxas de desemprego e perda no poder aquisitivo da população.

■ **Estagnação:** A economia não cresce. A atividade econômica fica aquém do potencial do país. Há estagnação também quando a expansão econômica não supera ou até fica abaixo do crescimento populacional do país.

■ **Desaceleração:** Quando a economia começa a crescer a um ritmo mais lento. Os resultados do PIB são positivos, mas a taxa de expansão é menor do que as registradas anteriormente.